

O Estado de S. Paulo

25/6/1985

Discurso de Gusmão

Esta é a íntegra do pronunciamento do ministro da Indústria e do Comércio, Roberto Gusmão:

"Meus senhores,

Em nome do excelentíssimo senhor presidente da República, dr. José Sarney, declaro aberto esse I Seminário Internacional Copersucar, associando-me às manifestações de boas-vindas aos senhores participantes, especialmente dirigentes de empresas do setor açucareiro e observadores que, vindos dos mais diversos países, deslocaram-se a São Paulo para participar deste importante encontro.

Na qualidade de ministro da Indústria e do Comércio, venho manifestando, de maneira inequívoca, o significado da presença da empresa privada na moderna economia brasileira e o seu importante papel no desenvolvimento do País, especialmente na procura incessante de métodos modernos de produção e no aprimoramento da tecnologia nacional.

Um aspecto substantivo deste simpósio será, certamente, a troca de experiências entre os empresários do setor.

O estágio tecnológico atingido pela produção brasileira de álcool estará certamente sendo objeto de debates e, cremos, poderá ser um elemento relevante na projeção do futuro dos mercados mundiais de açúcar e álcool.

Recursos gerados pelo próprio setor, por ocasião do último período de preços internacionais favoráveis, propiciaram ao Brasil um programa de modernização da agroindústria sucro-alcooleira.

O resultado desse esforço pode ser avaliado através dos atuais e impressionantes números do setor:

- A produção de álcool no Brasil, em 1985, irá a mais de 11 bilhões de litros, contra 600 milhões de litros em 75;
- A capacidade instalada da indústria nacional de açúcar é hoje de dez milhões de toneladas;
- As destilarias de álcool espalhadas por 22 Estados, sendo 12 no Norte/Nordeste e dez no Centro-Sul, gerando 600 mil empregos diretos e centenas de milhares de empregos indiretos;
- Operam hoje cerca de 400 destilarias, todas na iniciativa privada, além de 200 destilarias anexas;
- A contribuição do setor para a Previdência Social é da ordem de Cr\$ 600 bilhões/ano;
- 90% da produção automobilística atual é constituída de veículos movidos a álcool;
- A gasolina substituída pelo álcool equivale, hoje, a mais de 135 mil barris diários, com previsão para 160 mil na safra de 85/86;

A economia de divisas resultantes desta substituição foi de 2 bilhões de dólares em 1984;

Foram exportados 950 milhões de litros no ano passado, sendo 650 milhões para o mercado americano, gerando 200 milhões de dólares.

A situação, hoje, é completamente diferente, para não dizer adversa: todos conhecemos as dificuldades vividas pelos países produtores de açúcar. Com os preços mais baixos até então conhecidos no mercado internacional, com altos estoques, com o acréscimo verificado no consumo de adoçantes e a produção elevada sem perspectiva de melhora no curto e médio prazo.

A relevância sócio-econômica do setor açucareiro dos grandes países produtores é mais um fator a exigir a busca de saídas para a atual fase de depressão que atravessamos.

Temos que buscar nesta crise as oportunidades criadas com inteligência, racionalidade e criatividade, e encontrar a saída para o setor açucareiro. O mercado internacional chegou ao limite do limite de baixa. Isso significa que o preço de 3 cents a libra peso é impraticável e insuportável, não somente para o Brasil mas para todos os produtores conscientes do mundo.

Os mecanismos do mercado internacional do açúcar, engendrando uma competição irracional, além da concessão de subsídios artificiais à produção, resultaram numa realidade de preços predatória e sem nenhum objetivo claro e definido para o futuro. Decorre, daí que não há aumento de produtividade ou avanço de tecnologia que possa remunerar adequadamente essa atividade.

O Brasil, com muita coragem e a cooperação dos empresários do setor, desenvolveu o Proálcool, baseado na realidade do sistema açucareiro existente, estimulando, com financiamentos, a instalação das destilarias anexas e autônomas. Este programa estendeu-se pelo País, desconcentrando a produção, anteriormente muito regionalizada, e buscando atender ao mercado consumidor mais próximo.

Hoje não se pode negar o sucesso do Proálcool, praticamente no que tange à alternativa de substituição de um dos componentes na matriz energética do País.

Cabe ressaltar, ainda, que o Proálcool gerou, como necessariamente ocorre em qualquer setor de produção industrial, o avanço da tecnologia em setores correlatos. A indústria automobilística do País, por força das circunstâncias, teve o estímulo para se adaptar a essa nova matriz energética e hoje a ela se incorpora. O Proálcool e a modernização do sistema canavieiro do País trouxeram recentemente para o campo das relações de trabalho mudanças substanciais.

Vivíamos, até então, um período de acomodação social, a partir do qual os trabalhadores do campo perderam a sua condição de camponeses fixados na terra e nas fazendas para se tornarem um imenso proletariado rural à procura de emprego, sem a devida qualificação profissional.

Os efeitos perniciosos dessa proletarianização foram o resultado de fatores perversos acumulados principalmente nesses últimos 20 anos de autoritarismo. A ausência de uma política de fixação dessa mão-de-obra no campo, sem a oferta de empregos com remuneração adequada, e o seu deslocamento das fazendas e usinas para as cidades e vilas mais próximas, geraram uma nova forma de desintegração social, pejorativamente conhecida como "bóia-fria" e "pau de arara". Aquele período de acomodação social na agroindústria e demais setores da agricultura se assemelha a uma fase pré-capitalista, na qual prevalecia e marginalização do contingente de mão-de-obra sem a sua devida e necessária incorporação à moderna sociedade em formação no País.

A explosão das greves selvagens de Guariba, em 1984, em que tive envolvimento direto como secretário do governo democrático de São Paulo, junto com o então secretário do Trabalho, hoje ministro Almir Pazzianotto, foi um momento decisivo para a conscientização da sociedade e dos empresários do setor para a gravidade do problema social ali exposto.

Desse episódio nasceram as sementes de um novo contrato coletivo de trabalho onde ficaram estabelecidas novas relações de trabalho para o campo.

Essa situação acima descrita me faz lembrar e citar Alexis de Tocqueville em sua obra "O Antigo Regime e a Revolução": Não é sempre indo de mal a pior que se cai numa revolução. Acontece, na maioria das vezes, que um povo que agüentou as leis mais opressivas, sem se queixar, resolve repeli-las com violência logo que seu peso diminui. O regime que uma revolução derruba é sempre melhor que aquele que o antecedeu imediatamente, e a experiência nos ensina que o momento mais perigoso para um mau governo é geralmente aquele em que começa a reformar-se. Só um gênio pode salvar o príncipe que resolveu aliviar seus súditos após uma longa opressão. O mal que se agüentava com paciência como sendo inevitável parece insuportável logo que se concebe a idéia de livrar-se dele. Tudo que se tira então dos seus abusos põe em destaque o que sobra dele e torna seu peso mais doloroso: o mal diminui, é bem verdade, mas a sensibilidade é mais viva. O feudalismo em toda a sua potência não inspirou aos franceses tanto ódio quanto na hora em que, ele ia desaparecer. Os menores golpes da arbitrariedade de Luís XVI eram suportados com mais dificuldade que todo o despotismo de Luís XIV.

Evidentemente, à História se repete sempre em circunstâncias diferentes: assim também ocorreu no Brasil nos últimos períodos do regime autoritário, nada mais se esperava dos governos.

Com a eleição do presidente Tancredo Neves, e o advento da Nova República, as esperanças recrudesceram e a fé do povo brasileiro nos destinos do País se restabeleceu.

O presidente José Sarney, com muita cautela e espírito público tem procurado democraticamente conduzir a tarefa de reconstrução nacional.

Todavia, dificuldades oriundas da própria composição das alianças políticas de sustentação de governo ensejaram, nesses poucos meses da Nova República, a repetição de episódios ocorridos na história política de outros países saídos das tiranias, ditaduras ou regimes opressores.

O açodamento de alguns e a falta de visão realista de outros fizeram emergir inopinadamente reformas e leis casuísticas para a surpresa e perplexidade da nossa sociedade ainda estruturada em padrões tradicionais.

É preciso e indispensável que os setores responsáveis pelo sistema de produção nacional, particularmente aqueles ligados à terra, saibam compreender o momento em que vivemos e não recebam como desafio, como provocação, como intimidação, as propostas de reformas, sejam elas de que natureza forem.

Não devemos transformar a discussão e o debate em desafio e guerra nem permitir o esbulho e a violentação dos direitos adquiridos.

O presidente da República já se manifestou de forma veemente sobre o direito de propriedade rural em nosso país. É preciso que todos tenham consciência que a distribuição e o uso da terra, assim como a distribuição de renda nacional, devem ser reformulados democraticamente, visando o interesse de todo o País.

Temos muito tempo pela frente para construir a Nova República. Não serão as palavras de ordem puramente demagógicas nem reações rancorosas que farão essas transformações da noite para o dia.

Meus senhores:

O governo da Nova República, através do IAA e dos demais órgãos da administração pública federal, reconhece que a iniciativa privada está fazendo um grande esforço de sustentação, ampliação e conquistas para aprimorar os seus resultados e benefícios no sentido do crescimento e desenvolvimento do País.

Por isso mesmo, o Ministério da Indústria e do Comércio tem suas metas estabelecidas para melhorar a eficiência e o crescimento racional do setor do açúcar e do álcool, e não permitirá que privilégios sejam estendidos àqueles que não atingirem os índices de eficiência, de produtividade e de competência, indispensáveis ao crescimento do País, e nem serão estimulados ou ampliados mecanismos de subsídio e financiamento. Para tanto, está sendo elaborado o primeiro plano trienal para o setor.

É hora de definir estratégias de produção e estoques e de realizar negociações necessárias para a exportação do álcool brasileiro, além da transferência de tecnologia e equipamentos para países aqui representados. Essas negociações devem reconhecer a importância e as dificuldades do setor no mercado internacional e, até por isso, devem ser práticas, urgentes e comutativas.

Para tanto estou autorizado pelo presidente da República a iniciar, desde logo, tratativas nesse nível.

Sabemos do trabalho que já realizaram neste sentido, mas é necessário que agora, mais do que nunca, trabalhem juntos para a conquista efetiva desse espaço no mercado.

Em nenhum momento duvidamos da capacidade dos brasileiros de superar os desafios e de criar novos espaços para o desenvolvimento de sua economia e a melhoria do nível de vida de seus cidadãos.

Essa esperança é a mola propulsora da Nova República que o governo do presidente José Sarney está conduzindo fiel aos compromissos da memorável campanha cívica e política que ele e o saudoso presidente Tancredo Neves realizaram por todo o País.

Precisamos caminhar juntos, governo, empresários, trabalhadores, técnicos e cientistas.

Que as experiências do passado e as conquistas do presente sejam apenas a plataforma para novos avanços sociais, econômicos e tecnológicos do futuro deste importante segmento da economia brasileira e mundial.

Muito obrigado."

(Página 36)